
REVISTA ADVENTISTA

Até que todos cheguemos à unidade da Fé, ao conhecimento do Filho de Deus

AOS EFÉSIOS, 4:13



MENSAGEM DO CONSELHO
DA CONFERENCIA GERAL

••

FILHOS DE DEUS

por E. FERREIRA

••

PORQUE HÁ TANTAS
IGREJAS CRISTÃS ?

••

CONSIDERAÇÕES
DOGMÁTICAS

por J. J. PIRES

••

A PÁScoa

por M. LOURINHO

••

À ESPERA
DO NOVO MUNDO

por FRANCISCO CORDAS



NÓS, membros do Conselho da Conferência Geral dos Adventistas, reunidos a presidentes de conferência e directores de igreja no nosso Concílio Outonal de 1944 em Cleveland, Ohio, (E. U. da América) enviamos as nossas saudações aos crentes em todo o mundo.

Enquanto aqui nos reunimos, os mais importantes acontecimentos da história humana se desenrolam e sabemos que os vossos corações, bem como os nossos, estão assoberbados pelo conhecimento de que os próprios acontecimentos, há muito preditos pelos profetas, são o seguro anúncio do iminente regresso do nosso bendito Redentor.

Os directores espirituais tomam uma muito séria visão da situação presente. Gastaram muito tempo no estudo do plano de Deus para dar esta mensagem do Advento a todas as nações da terra e reunir um povo para o Seu reino. Este acontecimento é mais iminente do que muitos pensam. Cem anos se passaram desde aquêlê memorável dia de 22 de Outubro de 1844, quando o juízo se estabeleceu e o nosso Sumo Pontífice entrou no lugar santíssimo do santuário celestial para iniciar o Seu último acto de ministério intercessório pelos seres humanos perdidos. Mas hoje, embora tenha decorrido um século e muitos, outrora sentados no vale da sombra, tenham encontrado a luz do Evangelho, ainda estamos contemplando o mundo perdido. Milhões continuam nos seus pecados, descuidados e até inconscientes da proximidade do presto fim do mundo.

E' facto trágico, contudo, que como membros da última igreja de Deus nesta hora crítica nos tenhamos tornado, de maneira alarmante, complacentes perante estas situações extraordinárias e tenhamos fracassado em terminar o trabalho que Deus nos deu de avisar os outros e, além disso, milhares dentre nós deixassem de manter o fogo desta Mensagem que já não brilha nas suas vidas. Na verdade, muitos deixaram que os seus corações se sobrecarregassem com «os cuidados desta vida» e o dia de Deus está prestes a apanhá-los desprecauidos.

Eles podiam, na verdade, dizer como Salomão: «Fizeram-me guarda de vinhas mas a minha própria vinha eu não guardei». Cânticos 1:6.

Consoante encaramos as condições dêste mundo, parece-nos que esta guerra vai findar súbitamente num próximo futuro. Só Deus sabe se haverá «um pequeno tempo de paz». Se fôr assim, será sem dúvida a nossa última oportunidade para nos erguermos e acabarmos esta grande tarefa que Êle nos concedeu. Mas, se tal tempo de paz não vier, temos a confiança que Deus abrirá o caminho, mesmo no meio da guerra, para que os Seus mensageiros entrem

ràpidamente naquêles países dos quais foram expulsos.

Esta é a época da colheita. Agora deve soar o toque de unir todo o povo adventista na terra. Não teremos mais um Século para completar pavorosamente a nossa tarefa, porque Jesus está às portas.

Breve virá, mais breve do que o pensamos.

«O povo de Deus tem um poderoso trabalho diante de si, um trabalho que deve continuamente crescer até à maior proeminência. Os nossos esforços nas linhas missionárias deve tornar-se cada vez mais extensivo. Um trabalho cada vez mais decidido do que o realizado até agora deverá ser feito antes da segunda vinda do Senhor Jesus Cristo. O povo de Deus não deve cessar o seu trabalho antes de o levar a todo o mundo».

(Test. Vol. 6 pg. 23,24)

MENSAGEM DO CONSELHO

DA CONFERENCIA GERAL

DOS ADVENTISTAS



clínicas e outros prédios foram arruinados e não podem ser reparados.

Não podemos avaliar bem a perda mas podemos dizer que é tremenda. Literalmente, milhares de contos serão necessários para reconstruir as instituições, igrejas, prédios destruídos. Outros milhares de contos serão gastos na pronta expansão da nossa obra em todos os campos do mundo. Estamos nos dias das oportunidades para a Igreja mostrar a sua sincera aliança com Deus pelo serviço de sacrifício no findar desta obra mundial. Se não cumprirmos agora, será eterna a nossa perda.

Logo que se manifeste a mão de Deus, abrindo o caminho, os nossos missionários devem voltar para êsses campos e precisamos de enviar mais centenas de novos missionários. Acreditamos que a nossa Igreja está agora no momento de realizar o maior avanço nos campos missionários jámais empreendido na história do mundo. Devem sair mensageiros a todos os povos, tribus e línguas e anunciar com grande voz aos homens e mulheres que se preparem para o grande encontro com Deus. Nunca se empreendeu tarefa de tanta magnitude e contudo a Igreja de Cristo tem de a realizar neste último período de Tempo.

Dizia o Espírito de Profecia há anos:

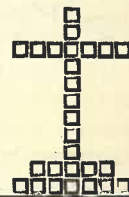
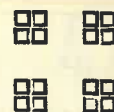
«Possa Deus auxiliar o Seu povo a erguer-se e andar e trabalhar como homens e mulheres que se encontram nas margens da eternidade». (Test. Vol. 8 p. 37).

(Continua na pág. 15)



Ernesto Ferreira

Filhos de DEUS



« *Vêde quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus!* » —
1 S. João 3:1.

EM vez de se dizer que todos os homens são filhos de Deus, mais modesto e correcto seria afirmar-se que todos são, por natureza, *criaturas* de Deus. Com efeito, pelo facto de termos sido criados por Deus, nem por isso temos razão para dizer que somos Seus filhos. Assim, a planta e o animal não passam de simples criaturas... E, pela ordem natural das coisas, criaturas seríamos e é provável que daí não passássemos.

A partir de Jesus, porém, podemos chamar a Deus — «nosso Pai». Com Ele, as orações ganham um tom mais familiar. Moisés, David, os profetas, dirigiam-se a Eloím, a Jeová, a Adonai, ao Deus dos Exércitos; o cristão passa a dirigir-se ao «Pai nosso». No Sermão da Montanha, nada menos de quinze vezes Jesus se refere a Deus como sendo «vosso Pai». E' esta uma das novas de grande alegria que Paulo tem a comunicar aos crentes nas suas epístolas. Quasi tôdas elas começam com jubilosa saudação: «Graça e paz da parte de Deus, *nosso Pai*, e do Senhor Jesus Cristo». E o Apóstolo Amado irrompe neste brado de irreprimível grati-

dão; «Vêde quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus!»

Notemos, porém, que, com Jesus, não somos filhos por natureza, mas sim por adopção. «Vindo a plenitude dos tempos Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, *a fim de recebermos a adopção de filhos* (Gal. 4:4, 5). «Recebestes o espírito de *adopção de filhos*, pelo qual clamamos: Abba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.» (Rom. 8:15, 16).

Assim como um servo, por mais esforços que envidasse, não conseguiria tornar-se, já não digo filho por natureza, mas filho adoptivo da casa, a não ser com uma condição — a vontade do chefe da família; assim nós não conseguiríamos nunca tornar-nos filhos de Deus, a não ser com uma condição — a Sua expressa vontade. Mas assim como um filho de família por amizade, podia instar junto do pai para adoptar aquêle servo como filho, assim Cristo se empenhou em nosso favor, para que pudéssemos

ser Seus irmãos e portanto filhos de Deus.

Para isso fêz-se nosso irmão. «Por cuja causa se não envergonha de lhes chamar irmãos... Porque na verdade, Ele não tomou os anjos, mas tomou a descendência de Abraão». (Heb. 2:11, 16).

E por meio de que título passaremos à condição de filhos? *Pela fé*. «A todos quantos O receberam deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que *crêem* no Seu nome.» (João 1:12).

Esta passagem a filhos de Deus é o que constitui essencialmente o novo nascimento.

Nascidos de novo, passamos a ser guiados pelo Espírito — «porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, êsses são filhos de Deus». (Rom. 8:14).

A presença do Espírito manifesta-se pelas obras (João 3:8). Assim, «Qualquer que n'Ele tem esta esperança purifica-se a si mesmo como também Ele é puro... Nisto são manifestos os filhos de Deus.» (1 João 3:3, 10).

A promessa final para os filhos de Deus é a vida eterna, porque, feitos irmãos de Jesus, tornamo-nos com Ele coherdeiros dos Seus bens. «Se somos filhos, somos logo herdeiros também, — herdeiros de Deus e coherdeiros de Cristo.» (Rom. 8:17).

Em suma: por meio de Jesus, passamos a filhos de Deus; o baptismo é a cerimónia pela qual testemunhamos que somos filhos de Deus; a igreja é a sociedade dos filhos de Deus; os mandamentos são as regras pelas quais sabemos como viver na família de Deus, como filhos; a vida eterna é a herança dos filhos de Deus.

Que privilégio podermos ser chamados filhos de Deus!

PORQUE HÁ TANTAS IGREJAS CRISTÃS?

Num recenseamento religioso feito, nos Estados Unidos, em 1936, apareceram 250 Igrejas ou Denominações Cristãs, das quais 163 estavam agrupadas em 22 «famílias». Por exemplo, a Igreja Metodista tem 19 denominações separadas e independentes, todas elas respeitando os princípios gerais do metodismo mas diferindo nos detalhes. Entre estas 250 Igrejas Cristãs, há pontos doutrinários idênticos. Assim 80 dentre elas baptizam por imersão; 68 dão à escolha do candidato a imersão ou aspersão. Outras 39 Igrejas não exigem a aceitação de nenhum credo. Durante os últimos 10 anos, 19 Igrejas mudaram oficialmente de nome e nasceram mais 14 Denominações mais completas e organizadas.

Existem pelo menos 244.000 igrejas edificadas e o número total de membros alistados nas Escolas Dominicais é de 21.000.000, só nos Estados Unidos. Neste país existem aproximadamente 64.500.000 cristãos militantes e 67.000.000 de indivíduos que não têm religião nenhuma.

Interessante notar que muitas destas 250 Igrejas Cristãs apontam as outras como simples «seitas». Podemos dividi-las em Fundamentalistas e Modernistas; as primeiras são conservadoras no que respeitam a doutrina e aceitam a divina inspiração das Sagradas Escrituras; os modernistas apresentam ideias explicativas que, em resumo, negam os principais pontos da velha doutrina.

O dr. George Betts, da Universidade do Nordeste, escreveu um livro intitulado «A crença de 700 Ministros» no qual cita as respostas dadas pelos Ministros de diferentes denominações a perguntas como estas: «Crê que Deus seja formado de três pessoas distintas?» As percentagens das res-

postas afirmativas e negativas recebidas pelo Dr. Betts oscilam entre 5 e 98%. Dos 104 ministros luteranos internados, 80% só acreditavam em metade daquelas afirmações. Outros 80% dos ministros metodistas apenas acreditavam num quinto das perguntas feitas. Outras denominações podem ser enfileiradas naquêles dois extremos. De forma que somos levados à conclusão de que as Igrejas não só diferem entre si nos credos publicados, mas até os seus ministros muitas vezes diferem sobre pontos fundamentais de doutrina.

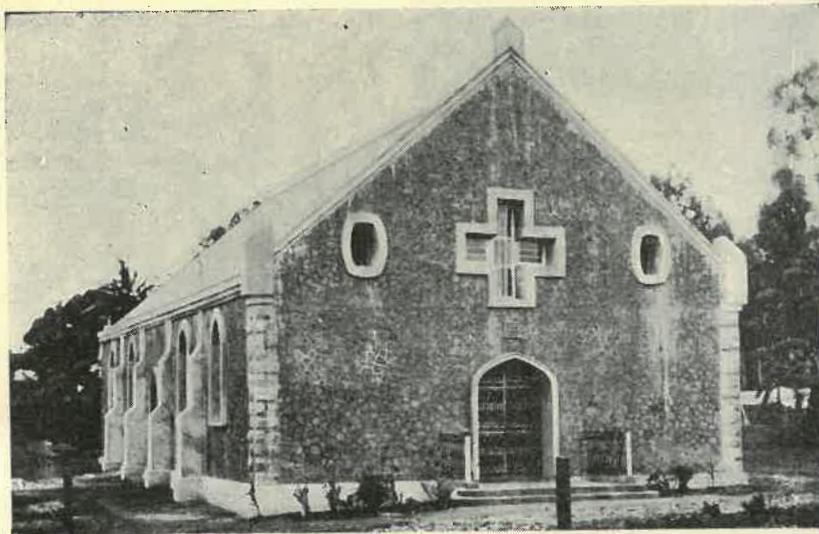
Pêrante 250 denominações cristãs diferentes nos seus credos e com um ministério de opiniões divididas dentro

ria a toda a unificação forçada. Quando os Apóstolos quiseram forçar certo indivíduo a não expulsar demónios no nome de Cristo porque o não seguiu no seu agrupamento, ouviram a seguinte reprimenda:

«Não lho proibais: porque não há ninguém que faça um milagre em meu nome e fale levemente mal de Mim. Porque quem não é contra nós é por nós». Não há dúvida nenhuma que melhor é a existência de 250 religiões cristãs diferentes, em plena liberdade de pensamento, do que uma unidade forçada e intolerante para as minorias em discordância. A única unidade aceitável é a que brota do coração como resposta ao amor de Deus em Cristo Jesus. Os que contemplavam a morte dos primeiros cristãos nas arenas eram levados a exclamar: Vede como êsses cristãos se amam mutuamente?». Jesus disse: «Por isto toda a gente saberá que dois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros». (S. João 13:35).

Embora seja aceitável que as denominações cristãs procurem tornar bem evidente a diferença radical dos seus credos, a verdade é que o denominacionalismo nunca salvará ninguém. Há muitas pessoas que são afectadas mais pela cõr denominacional dos seus prégadores do que pelo «pão da vida» que êles dispensam. Preocupam-se demasiadamente com a «ortodoxia» denominacional do prégador e não com a mensagem que êle apresenta. O que mais importaria seria saber se o ministro está ensinando a Verdade e de harmonia com a Palavra.

Mais importante ainda será pensar na maneira de unir em verdadeira fé cristã todos aquêles que hoje olham de revez, uns contra os outros, pelas



Igreja numa Ilha do Índico

de cada denominação, ocorre-nos fazer uma pergunta: «Qual a razão de tantas Igrejas? Quem começou esta divisão e porquê? Precisarã Deus de 250 maneiras diferentes de levar os homens ao céu?»

Não deve ser plano de Deus arranjar tantas avenidas que conduzam da terra à Nova Jerusalém! Acreditamos que em todas essas diversas Igrejas haja crentes sinceros e honestos, mas os homens arranjaram um plano muito diferente do que Deus quereria. Nós somos entes morais livres e a religião de Cristo é contrá-

Estarão todas na Verdade ? Estarão algumas na Verdade ? Como unificar o mundo cristão ?

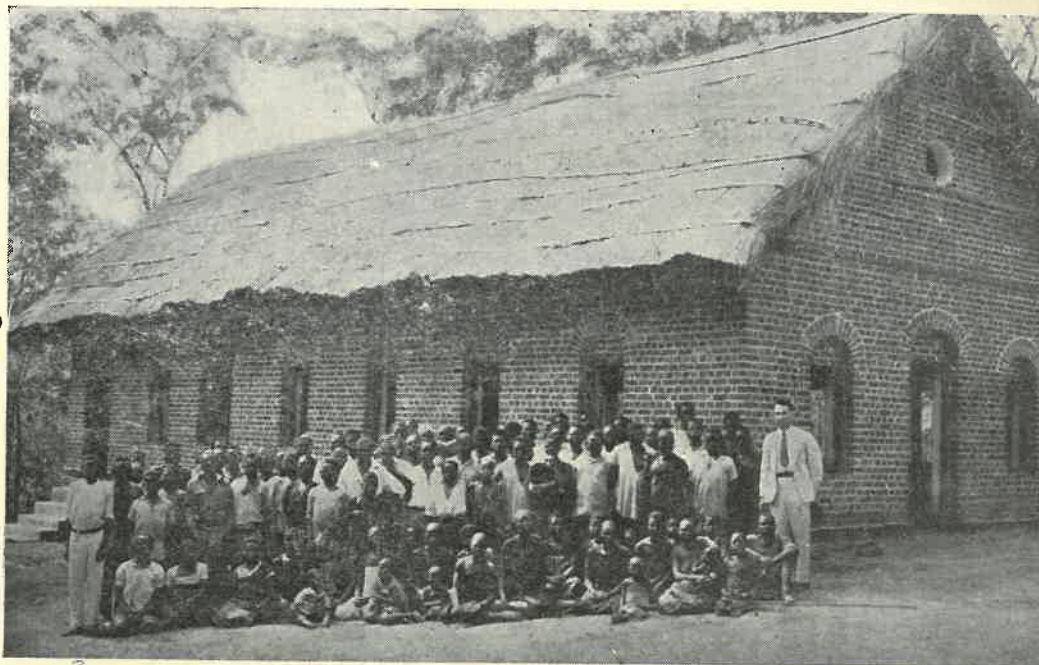
grades férreas das suas denominações. Todos os sinceros cristãos que actualmente vivem nas antagónicas Igrejas chegarão a unir-se, num tempo muito próximo. Quanto mais perto de Cristo se quiserem chegar, mais perto ficarão uns dos outros. Os que, pela fé, forem «Um em Cristo» estabelecerão entre si laços de camaradagem e alegrar-se-ão na luz que brilha do Santo Livro. Foi por esta unidade que Cristo orou e, com certeza, que ela se estabelecerá cada vez mais. Leia-mos :

«Que todos sejam um, ó Pai, como Tu és em Mim e Eu em Ti; que eles também possam ser um em Nós; para que o mundo possa acreditar que Tu me enviaste.» (S. João 17:20, 21).

Que fazem os cristãos? En quanto um grita: «Este é que é o caminho!», outro barafusta: «Não, o caminho é aquê!»; mas Jesus dizia: «Eu sou o caminho». O mundo vai muito afastado de Jesus e precisa voltar a Êle, ouvindo os Seus conselhos na Sua Palavra. Para que se estabeleça a unidade necessitamos andar na luz que vem até nós: «A Tua Palavra é uma lâmpada para os pés e uma luz para o meu caminho» Salmos 119:105. As condenações de Cristo nunca visaram as pessoas no erro da ignorância mas aquêles que rejeitam conscientemente a luz :

«E esta é a condenação que a luz veio ao mundo e os homens amaram a escuridão mais do que a luz, porque as suas obras eram más. Porque aquê que faz o mal aborrece a luz e não vem para a luz para que os seus actos não sejam condenados. Mas quem pratica a verdade vem para a luz para que os seus actos sejam manifestos porque são feitos em Deus», S. João, 8: 19, 21.

A existência de muitas denominações não implica que Deus não tenha uma mensagem e definitiva na Terra, mas exactamente o contrário. A verdade Bíblica sempre progressiva, re-



Igreja simples na Selva Africana

jeitada por muitos, brilha com luz crescente para o dia da perfeição. Devemos andar na luz e marchar no cumprimento profético.

Chegamos ao tempo em que devem findar os preconceitos denominacionais ou a falsa unidade em tudo quanto não seja a Bíblia. Chegamos à época, em que, com poder pentecostal, O Evangelho Eterno deve ser ensinado a toda a Nação, tribu, língua e povo, dizendo com grande voz:

«Teme a Deus e dá-Lhe glória, porque vinda é a hora do Seu juízo. (Apocalipse: 14: 6, 7).

Que todos os cristãos se unam a Cristo e se disponham a seguir «o Cordeiro para onde quer que vá» (Apocalipse, 14:4) mesmo que Êle nos queira conduzir por caminhos longos e desconhecidos. Não nos importemos de ser impopulares com Cristo.

(Ext. do *Signs of Times*, Setembro, 1943).

Escola do Funchal

O Conselho da União leva ao conhecimento de todos os membros Adventistas, que estará vago o cargo de professora da Escola do Funchal, no fim deste ano lectivo.

Todos os Irmãos ou Irmãs que se julguem aptos queiram comunicá-lo à Direcção da União.

SAÚDE & LAR

O n.º 16 foi elogiado por numerosos leitores, entre os quais médicos. Disseram que foi o melhor da série em material e aspecto gráfico.

O grande semanário português «VIDA MUNDIAL» honrou-nos, transcrevendo um artigo do n.º 16. Já não é a primeira vez que o faz. Também já vimos artigos da nossa Revista publicados no Boletim do Instituto de Oncologia.

Haverá algum Adventista que não aprecie SAÚDE & LAR ?



J. J. PIRES

ALGUMAS

CONSIDERAÇÕES

DOGMÁTICAS



OS Mestres Judaicos tinham estabelecido, para o povo, muitas leis e exigiam dêle umas tantas coisas que Deus não havia ordenado.

Jesus recusou-se sempre a aprender o que êsses rabinos ensinavam pelo facto dêsses ensinamentos não estarem de harmonia com a Bíblia. Houve momentos de luta para os falsos rabinos, por verem suas ideias contrariadas pelo Rei dos Reis, Senhor dos Senhores.

Nos dias em que vivemos, tantas outras doutrinas são ensinadas por falsos mestres. A Bíblia, livro tão sublime e dum valor incalculável, desprezada por milhares de almas e pela maioria de cristãos, como assim se intitulam, pelo facto de encontrarem nela ensinamentos que não estão de harmonia com certos dogmas que Jesus não ensinou nem teria ensinado.

Recordemos os rápidos progressos feitos na vida portuguesa pelo fanatismo e pela ignorância. Recordemos a campanha de ódio contra instituições que não comungam nas mesmas ideias, que a elas se não submetem humildemente, que tentam fazer prevalecer o livre exame sôbre o dogma, e reconhecemos que se não trabalharmos com todo o entusiasmo seremos vencidos.

Não é para admirar que o mundo esteja cheio dêsses dogmas, tais como Purgatório, Inferno, Missas pelos mortos, e Confissão Auricular, que segundo o excelso S. Paulo são preceitos dos homens.

É dever dos cristãos entregar os seus cuidados a Deus, confessando suas culpas, e se o fizerdes de todo o vosso coração e fé, podeis ter a certeza que sereis sarados. Já que falo da Confissão, gostaria de apresentar alguns testemunhos de célebres eruditos do passado, que já previam no futuro a derrocada das doutrinas cristãs. No décimo livro das suas «Confissões», capítulo III, S. Agostinho protesta contra a ideia de que os homens possam de alguma forma, curar o leproso espiritual, ou a absolver os seus semelhantes. Eis aqui o seu eloqüente protesto:

«Que tenho eu com os homens, para que ouçam as minhas confissões, como se pudessem sarar as minhas enfermidades? O mundo é curioso para conhecer a vida alheia, mas preguiçoso para corrigi-la».

Antes de S. Agostinho erigir êsse monumento sublime e duradouro, contra êste dogma, S. João Crisóstomo tinha levantado a sua eloqüente voz para o condenar, na sua *Omília sôbre o Salmo 50*, onde fala em nome da Igreja. Diz: «Não vos convidamos a ir confessar os vossos pecados aos vossos semelhantes mas só a Deus».

Ouso apresentar mais alguns testemunhos da maneira como êstes homens encravam a fé cristã nos séculos passados.

Crisóstomo na sua *Omília de Poenitências*, vol. IV, col. 901 diz o seguinte: Não tendes necessidade de testemunhos da vossa confissão. Reconhecei em particular os vossos delitos, e que Deus seja a única que vos ouça». Ainda mais na sua *Omília V. De incompreensibilis Dei*, vol. I diz: «Portanto, suplico-vos que sempre confesseis os vossos pecados a Deus. Eu de modo nenhum vos peço que vos confesseis a mim. Só a Deus deveis descobrir as feridas da vossa alma, e dêle só deveis esperar o lenitivo. Recorrei, pois, a Êle e não sereis repellidos, mas sarados. Pois antes de pronunciardes uma única palavra, Deus conhece a vossa petição».

Foi de facto isto que Jesus ensinou aos homens.

Que foi que destruiu Jerusalém, apagando a glória da sua grandeza? Foi que os seus habitantes preferiram as tradições humanas aos mandamentos de Deus. Desde o dia em que isto fizeram, a corrupção desenvolveu-se até levar o contágio aos últimos limites da raça judaica. Os judeus tinham uma autoridade eclesiástica, a santidade exterior, uma sucessão das mais legítimas, um esplêndido rito, a lei e as promessas divinas; tinham profetas enviados por Deus a fim de os guiar e instruir; tinham um templo, que era a glória e admiração de todas as nações.

Mas numa hora fatal quiseram antes as tradições humanas do que os mandamentos de Deus, e desde então principiaram a conhecer por experiência que a Igreja que tenta roubar um raio sequer, da glória de Deus, admite no seu seio uma maldição consumidora. Quando veio o Messias a Jerusalem, de que maneira o receberam? Aquêles que se ufanaram de ser a «única igreja verdadeira» exclamavam «Tira-o, tira-o» e finalmente foi crucificado por um povo que declarava ser escolhido do Altíssimo. Que juizos terríveis seguiram esta rejeição!

As hostes Romanas cercaram em atitude ameaçadora a culpada Jerusalem e as próprias pedras daquela cidade, que foi outrora tão poderosa, falam-nos com uma eloqüência muda, mas aterradora, da sua glória desvanecida. E porquê? Porque êsse povo, exactamente como o de hoje, deixou a fonte de água viva e cavou para si cisternas rôtas que não podem reter as águas. Rogamos a Deus e esperamos que mande breve o dia em que se compadeça dêste mundo prestes a perecer; e que então essas falsas doutrinas que são preceitos dos homens desapareçam da face da terra. Nêsse dia, Babilónia, a grande Babilónia, cairá e o céu e a terra se regosijarão, porque as nações não irão mais beber dessas cisternas imundas, cavadas pelo homem do pecado.

Iráo ao contrário lavar os seus vestidos no sangue do Cordeiro e o Cordeiro os tornará puros pelo seu sangue, e livres pela sua palavra.

Notícias animadoras

PARA ADVENTISTAS

Conferência Portuguesa

LISBOA

Após uma época de frio a que não estávamos habituados — segundo dizem os jornais — há mais de cem anos, frio que cobriu de neve durante manhãs inteiras a nossa ridente capital, veio o tempo ameno da primavera, cheio de sol.

Durante o frio tiveram os nossos Irmãos de se defender ficando metidos na cama e desertando das nossas reuniões. Embora tenhamos aquecimento central no edifício, é mais um luxo aparente do que uma realidade e sobretudo nestes tempos de falta de combustíveis.

Agora porém os nossos amáveis Irmãos voltam à sua vida de Igreja.

Uma série de conferências foi lançada com o apoio de um bom número de Irmãos e tendo como resultado muitas dezenas de novos assistentes. A classe baptismal última os seus trabalhos e almas se apresentam para o baptismo.

Quanto «aos frutos positivos» da nossa Igreja de Lisboa, falam os números no relatório da sua Tesouraria, aqui apresentados.

A Grande Semana de 1945 viu o seu alvo atingido numa só colecta feita entre os Irmãos presentes no culto de sábado 3 de Março. Temos esperanças que será ultrapassada. Sentimo-nos cheios de gratidão pela boa vontade manifestada por todos e bem visível em muitas pequenas coisas.

PORTALEGRE

Tivemos o prazer de assistir a duas séries de dissertações na nova sede da cidade. Foram conferencistas os nossos prezados colaboradores E. Ferreira e Eng.º Nunes. A vossa sala de Portalegre viu-se visitada por inúmeros cavalheiros, senhoras e juventude que a encheu a transbordar. Como nota especial temos a dizer que numa das conferências estiveram presentes quatro Professores do liceu, além da colaboração activa com que nos quizeram honrar os ilustres professores

Dr. Lomelino e Casimiro Mourato, respectivamente do liceu e da escola industrial. Aqui deixamos registados os nossos mais sinceros agradecimentos. Não queremos deixar no olvido os senhores Professores e Professoras de instrução primária, bem como os numerosos estudantes que nos deram o seu amável convívio.

Portalegre é uma das cidades portuguesas onde o Evangelho, de há muitos anos, conta numerosas simpatias que se transmitem de pais a filhos. O movimento Adventista goza ali de muitas amizades e temos de procurar desenvolver cada vez mais as nossas actividades educacionais e outras de que se compõe o nosso Movimento.

O nosso Seminário é olhado com a mais profunda simpatia. Queiram ler o interessante artigo publicado pela «Rabeca», semanário portalegrense. Na nossa humilde opinião, chegou o momento de puxar com inteligência as rédes salvadoras do Evangelho, para o que pedimos ao Seminário e à Congregação de Portalegre que unam sempre e cada vez mais as suas actividades.

Precisamos de fazer obras na nossa nova casa, alargando-a. O Alto Alentejo está destinado a ser um campo espiritual bem produtivo na Obra de Deus. Como nota final, diremos que a Igreja de Portalegre exerce a sua actividade sem gastar dinheiro em pastor ou evangelista e sob a condução do seu Conselho de Igreja auxiliado por E. Ferreira.

RIBEIRA DE NIZA

A nossa simpática Congregação, sem obreiro efectivo, vai continuando ajudada pelo pessoal do Seminário.

No último domingo que estivemos ali de visita, estavam umas 30 pessoas reunidas para orarmos em conjunto. Um dos Irmãos — se não me engano o Irmão Branquinho — dizia-nos: «Irmão, temos certa pena em não ver a nossa capela cheia a transbordar de almas. Estão nos seus trabalhos porque para a semana

metem-se dias feriados. Mas se o Irmão viesse cá esta manhã e olhasse para a porta da Igreja católica, veria que não saíram de lá mais de seis pessoas! A Ribeira de Niza está capacitada de que não há outra religião cristã verdadeira que não seja a Adventista. Irmão, precisamos de uma ou duas semanas de bons estudos bíblicos aqui e temos a certeza de que ganharemos mais uma duzia de almas».

Certamente, a Ribeira de Niza carece de um missionário ali fixado e que se dedique aos seus habitantes. Deus proverá em breve. Os nossos corações enchem-se de contentamento ao saber que temos ali uma Congregação cheia de fé.

Como frutos positivos, podemos apontar o que fizeram na Campanha das Missões. Não tiveram ninguém a trabalhar para eles. Uniram-se e briosamente obtiveram o seu alvo, calcurriando os atalhos das serras e falando das Missões Adventistas aos camponeses das aldeias próximas. Cremos que foi o mais nobre exemplo da Campanha Missionária do nosso campo em 1944.

BARREIRO

O nosso Irmão M. Miguel fez uns prospectos anunciando as suas reuniões. Poucos: apenas uns 2.000. Foi o suficiente para nos escrever dizendo que não tinha lugar na sala para conter o número das pessoas que se apresentaram. Quando o Irmão encarregado da porta dizia a algum retardatário: «Temos muita pena mas já não tem lugar», êle mostrava o seu cartão de convite e dizia: «Mas eu tenho cartão de convite». Tal era a vontade de assistir à reunião.

Vamos a semear! É o único processo para colher almas e conduzi-las à Verdade e à Eternidade.

NIZA

Outra terra do Alto Alentejo. Ali o casal Pires lança a sua rêde e chama almas. Segundo notícias recebidas, os cultos continuam com nu-

merosa assistência. Já dali saíram três colportores, dois dos quais estão no Seminário. Temos a confiança de que Niza terá no decorrer dos tempos um núcleo forte de Adventistas.

ENTRONCAMENTO

O nosso Evangelista Cordas deseja lançar um esforço nesta florescente vila, onde já tem uma casa de reuniões preparada.

Orem pelo êxito da sementeira.

De facto, sábado, 5 de Maio, às 21 horas, fez-se a inauguração com a sala repleta de cavalheiros, senhoras e juventude.

Quando será?

Que teremos séries de conferências em Elvas, Extremoz, dois grandes centros alentejanos e nas suas vilas vizinhas?

Os nossos três mais importantes centros

na Metrópole foram, são e serão: Lisboa, Porto e Coimbra. Nestes três grandes centros gozamos de uma liberdade e de possibilidades que ultrapassam tôdas as expectativas. Lisboa necessita de muita actividade missionária bem preparada e conduzida; como é grande centro, necessitará de ter várias casas bem montadas de reuniões nos bairros excêntricos. Necessita também de uma contínua obra de colportagem e difusão de boa literatura.

O Porto está em condições de perfeita igualdade com Lisboa nas necessidades missionárias. Ali se tem trabalhado menos do que em Lisboa, e necessitamos de meios práticos de trabalho.

Coimbra, é um grandioso centro de difusão de luz mas necessitamos de melhorar os nossos meios de propagação pois é uma cidade habituada aos grandes conferencistas nacionais e estrangeiros e a meios especiais. Mas quando em Coimbra e no Porto existir o mesmo número de adventistas que em Lisboa, então grandes coisas se vão fazer naquelas ricas e populosas cidades e regiões. Até lá coragem, trabalho e consagração!

CEPOS

Na região montanhosa de Coimbra, os nossos Irmãos Martins escrevem-nos muito animados e dizendo que o acidente a que nos referimos no nosso artigo «Tocam os

sinos a rebate», longe de ter sido um mal para o Evangelho, contribuiu para que muitas simpatias se manifestassem, pelo que os nossos irmãos se sentem muito animados!

Precisamos ser cautelosos em tudo e fazer sempre as nossas reuniões sem atritos, mas, ao mesmo tempo, agradeçamos a Deus e nunca esqueçamos de que as Leis e as Autoridades garantem a liberdade de consciência e religião. Ninguém pode ser perseguido pela sua religião e o culto é livre. Mas tudo precisa de regra e de medida. Quando tomarmos essas precauções, temos sempre o prazer de ver, como desta vez em Cepos, as autoridades a defender-nos e as simpatias a manifestarem-se. Acima de tudo nunca esqueçamos de proclamar bem alto que somos cristãos e nada mais pretendemos do que exaltar a figura de Nosso Senhor.

Nota — Temos tantas boas notícias de todos os lados da Conferência que correríamos o risco de encher as folhas da nossa Revista. Não vai tudo duma vez, pois há mais notícias agradáveis de outros campos que nos são queridos.

SEMINÁRIO

Como já dissemos, é motivo de contentamento para as fôrças vivas de Portalegre. Não o é menos para as fôrças vivas Adventistas. A sua estrutura sólida, caçada, na encosta da montanha de Portalegre, brilhando ao Sol, é bem o símbolo das promessas encantadoras do Evangelho.

O nosso Irm. Hermanson não se poupa a cuidados para que o seu Seminário brilhe! O velho convento de Santo António, antro de corujas, está-se transformando numa vivenda aprazível, graças à sua boa vontade.

Mais de trinta alunos de ambos os sexos ali se encontram. A não ser que sejam doentes quando vão para lá, todos se mostram gordos, aspecto sadio e inteligente o que prova bem a higiene do local.

Há muito que fazer no nosso Seminário. Não temos ainda a aparelhagem necessária a uma escola secundária e muito menos especial como deve ser o nosso Seminário. Precisamos de melhorar tudo isso e de montar coisas que não existem. Mas temos um belo início e a certeza de que tudo irá para melhor. Não duvidamos que o nosso Seminário seja o centro educativo de toda a juventude — seja qual fôr o seu grau académico — na nossa União

e também da juventude de Portalegre, mesmo não-adventista.

Como nota interessante: em Cabo-Verde um nosso amigo quere que os seus filhos venham para o Seminário. Trata-se de uma pessoa de posses que poderia mandá-los para outra escola qualquer. Deseja apenas confiá-los à guarda do nosso Seminário.

Todo o Adventista português deve criar simpatia pelo Seminário e por êle orar.

CASA EDITORA

Era uma vez, no princípio de 1944, um livro chamado «Médico do Lar» de 576 páginas e que custava a boa quantia de 60\$00. Fizeram-se 8.000 exemplares. Mas uns «meninos» colportores começaram a apresentá-lo ao público, outro colporteur levou um carregamento de 1.200 para Moçambique onde os colocou em menos de dois meses de actividade. Vai a União de Angola e exige-nos 3.000 volumes. Conclusão: temos umas poucas dezenas para o arquivo.

E como dormíssemos durante o verão de 1944 na errada idéia de que não tínhamos dinheiro para nova publicação, acontece que estamos à espera que saia outro livro daqui a dias! Assim acontecerá pela graça de Deus e não sem que o diabo esfregue as mãos de contente por ter arranjado o processo de reter a colportagem durante uns meses. Paciência: perder também é ganhar experiência.

Mas consolará todos os Adventistas esta certeza de que a colportagem tem êxito assegurado sempre que publique algum bom livro.

Necessitamos de publicar um novo livro de seis em seis meses. Temos de nos habituar a esta ideia e a êste ritmo de trabalho, se quizermos cumprir os nossos deveres religiosos e sociais. Ainda bem!

MISSÕES

Madeirense

Boas notícias nos chegam do Funchal. O nosso Ir.^o Ribeiro ali lança o seu convite para as suas reuniões e com êxito. A nossa Ir.^a Dulce Vasco professora na escola, além dos seus trabalhos escolares, exerce bôa actividade missionária. Fizeram a sua campanha das Missões com êxito. Temos todas as ra-

zões para nos congratularmos com os nossos Irmãos Madeirenses. A Igreja do Funchal é a segunda Igreja portuguesa em número e fazemos votos para que não perca esse lugar. Portalegre e Ribeira de Niza qualquer dia, se se descuidarem, roubam-lhes o lugar!

Açoreana

Conta com três centros, dois dos quais com obreiro efectivo: P. Delgada e Angra do Heroísmo. Além destes, o Ir.º Lourinho organizou um grupo na ilha das Flores. Os Açores é um vasto campo a desafiar as actividades adventistas. Vai se aproximando a época de obterem casas condignas para as actividades missionárias. Carecemos de alunos açoreanos no nosso Seminário, pois os continentais não chegarão para o Continente.

Cabo-Verdeana

O Ir.º Esteves estabeleceu a obra no Fogo, enquanto o Ir.º Rosa procura continuá-la na Brava.

Aproveitamos a ocasião de rectificar aqui uma ideia errada que os nossos artigos sobre Cabo-Verde possam ter criado no espírito timorato de alguns obreiros. Quando nós dizemos que as condições de vida não são risonhas em Cabo-Verde, referimo-nos á população nativa. Em geral, os continentais que teem os seus salários garantidos e comem á continental, embora um pouco mais dispendiosamente, vivem bem. Assim a família Raposo esteve ali cinco ou seis anos, vieram aumentados, saudáveis e bem dispostos. A família Esteves continua de razoável saúde e aumentada. A esposa do Ir.º Rosa, está bem, segundo manda dizer. O mesmo, todos ou quasi todos os empregados do Estado. Um missionário adventista tem dificuldades no caso de ter filhos a educar e no caso de ter um salário insufficiente — aliás coisa muito vulgar e geral entre nós. E' natural também que tenha saudades da sua terra. Mas não há razão sufficiente para tantos mêdos como ás vezes se manifestam quando se faz um apêlo para ir trabalhar em Cabo-Verde. Desde que a carteira esteja sufficientemente guarnecida a vida é tão suportável lá como em qualquer parte do mundo. Se o mêdo das doenças e da morte nos tivessem de afastar de Cabo-Verde, não sei como é que não fugiríamos todos de Lisboa onde há tuberculosos, leprosos, cancerosos em número exagerado

e todos os dias saem do hospital do Rêgo, num bairro tão populoso, entêrros com vitimas das piores doenças!

Aqui fica a rectificação.

O Ir.º Esteves comunica que da Ilha de Santo Antão, uma das mais férteis em águas e populosas, lhe escreve um grupo de pessoas — umas 40 — pedindo-lhe que as visite e lhes vá falar do Evangelho. Cabo-Verde é uma das colónias portuguesas onde se poderá fazer uma boa obra adventista sob todos os pontos de vista e, sobretudo, no ponto de vista social.

Missão de S. Tomé

Chegou de regresso de férias algo prolongadas o nosso Ir.º Grave e está fazendo planos para se dirigir a Cabo-Verde o nosso Ir.º Miranda. Este Irmão nas suas cartas mostra a melhor boa vontade para partir para Cabo-Verde e as suas boas palavras são para nós motivo de muita consolação. Certamente que acompanharemos o nosso Irmão neste salto e nas suas actividades ali. Dos fracos não reza a história. Temos também recebido algumas boas cartas dos nossos Irmãos de S. Tomé nas quais podemos ver o seu interêsse pela obra. Daqui dirigimos, a todos, o nosso público apêlo de actividade missionária, de evangelização activa. S. Tomé tem de ser evangelizada. Os nossos Irmãos catequistas teem diante de si uma bela obra. Mãos ao trabalho.

Visita a S. Tomé

Depois desta curta notícia, o barco levou nos àquella missão onde encontrámos os nossos Irmãos de saúde. Embora de modestos recursos, deram para os da Congregação de Portalegre a bonita quantia de 800\$000. Foi a 2.ª Congregação da nossa União em quantitativo!

Missionários em África

Temos recebido as melhores notícias dos nossos missionários em Angola. Estão bem, de saúde, aumentam em número no cumprimento daquela ordem divina: «crescei e multiplicai-vos» e também fazem aumentar a família adventista nas almas ganhas à Fé. O nosso colportor Saldanha escreve cheio de contentamento por ter ido colportar Angola. Eis aqui um grande e vasto campo e devíamos ter possibilidade de responder a qualquer apêlo que dêsse campos nos venham. Só há uma coi-

sa a fazer: aumentar o número de estudantes no Seminário.

E não é só Angola: não esqueçamos Moçambique. Oremos por esses campos, façamos a nossa actividade na Campanha com os olhos fitos neles e procuremos ajudar os que ali trabalham sempre que peçam auxilio.

Falecimentos

Em tôdas as nossas Congregações temos a lamentar a perda de alguns bons Irmãos e Irmãs. Gos-tariamos que continuassem ao nosso lado na viagem da vida, mas, Deus resolveu de outra maneira: seja feita a sua vontade.

Cumpre-nos anunciar a morte do nosso Missionário Karl Sommer que deixou viuva e dois filhinhos. Curvamos-nos com tristeza diante da sua memória e com pesar vemos desaparecer um elemento na evangelização portuguesa quando muito havia a esperar dêle, já pela idade já pela prática adquirida.

Faleceu também em Ponta Delgada o jovem Samuel Rombeiro, nosso aluno no Seminário e quando esperávamos que regressasse às suas actividades. O jovem Samuel era muito amável, delicado e estudioso. A sua família e nossos Irmãos de Ponta Delgada aqui deixamos a expressão dos nossos sentimentos.

Em Portalegre, após uma curta operação, faleceu e Ir.º Calha. Era pobrezinho, vivia de esmolas mas a Congregação da Ribeira de Niza e a de Portalegre deploram a morte deste Irmão porque difficil é encontrar crente que mais pugnasse pelo Evangelho e pela Fé. Sujeito às deficiências humanas, foi sempre, contudo, muito fiel e lial á sua Igreja. Por onde êle ia, o Evangelho de Jesus era anunciado.

Descansam em paz das lutas e temos de nos fortificar na sua memória para continuar a carreira cristã.

Obra das publicações

E' necessário estabelecê-la em bases firmes, nas nossas Missões. Alguns directores de Missões — o Ir.º M. Lourinho — tem procurado estabelecer este Departamento nos Açores, com notável êxito, treinando homens e lançando a nossa literatura. É assim que deveria acontecer em tôdas as nossas Missões. Daqui fazemos um público apêlo a todos os Directores de Missão para que tentem fazer o mesmo, lembrando e pondo em prática o que aprenderam quando mais novos!

Congregação de Lisboa

RELATÓRIO FINANCEIRO EM 1944

1) Dízimos	58.507\$55
2) Escola Sabatina.	6.464\$55
3) 13.º Sábado	1.194\$05
4) Grande Semana.	1.884\$70
5) Campanha das Missões	13.143\$50
6) Colecta dos Jovens.	771\$55
7) Fundo de Assistência	2.741\$40
8) Ofertas Sociedade Missionária.	910\$00
9) Fundo da Igreja.	2.874\$25
10) Escola Primária.	887\$00
11) Dom de Fim do Ano	2.084\$30
12) Donativo especial para Bíblias.	2.000\$00
13) Bancos da Igreja de Portalegre	3.016\$00
Total.	96.429\$25

«NO POUCO FOSTES FIEIS
SOBRE O MUITO SEREIS
CONSTITUIDOS»

A Tesoureira,
Lucelinda Godinho.

NOTA — Na Conferência Portuguesa, a Igreja de Lisboa não dispendeu dinheiro algum com os pastores porque, como sabem, os que estão ali em serviços, são pagos por outra espécie de serviços que prestam. Todo o dinheiro reverteu a favor de outras Igrejas mais necessitadas.

A. Dias Gomes.

Congregação de Portalegre

RELATORIO FINANCEIRO DE 1944

1) Dízimos	4.706\$60
2) Escola Sabatina.	2.387\$60
3) 13.º Sábado.	535\$80
4) Grande Semana.	249\$70
5) Campanha das Missões	1.725\$00
6) Colecta dos Jovens	191\$80
7) Fundo de Igreja.	625\$65
8) Fundo de Assistência	244\$10
9) Fundo Pró-Templos.	61\$15
10) Bancos da Congregação	232\$00
11) Dom de Fim do Ano	317\$60
Total	11.278\$00

A Tesoureira,
Maria Relvas.

Missão Açoreana

RELATÓRIO FINANCEIRO EM 1944

1) Dízimos	8.991\$35
2) Escola Sabatina.	1.714\$50
3) 13.º Sábado.	419\$90
4) Juventude.	171\$70
5) Sociedade Missionária.	75\$05
6) Fundo de Assistência.	70\$20
7) Capela	69\$35
8) Grande Semana.	300\$00
9) Campanha das Missões.	2.322\$70
10) Dom de Fim do Ano.	300\$00
11) Escola Paroquial.	325\$53
12) Construção da Igreja	671\$00
13) Bancos de Portalegre	60\$00
Total.	15.491\$42

O Director da Missão,
M. Lourinho

Missão de S. Tomé

A — RELATÓRIO MISSIONÁRIO EM 1944

1) Estudos Bíblicos.	13.173
2) Visitas Missionárias.	9.746
3) Pessoas trazidas às reuniões.	748
4) Pessoas socorridas.	1.700
5) Tratamentos dados.	1.195
6) Horas de Caridade	1.572
7) Peças de roupas dadas	171
8) Refeições dadas.	1.515
9) Literatura dada.	2.209
10) Cartas Missionárias.	313

B — RELATÓRIO FINANCEIRO EM 1944

1) Dízimos	4.574\$90	(Mais 1329\$75 que em 1943)
2) Escola Sabatina.	1.548\$30	(Mais 472\$20 que em 1943)
3) 13.º Sábado	1.046\$50	(Mais 103\$90 que em 1943)
4) Fundo Pró-Templo.	1.035\$00	
5) Grande Semana.	216\$50	
6) Colecta Juventude.	333\$50	
7) Bancos Portalegre.	800\$00	
Total.	9.564\$70	

Almas ganhas em 1944. 14

O Tesoureiro,
Arlindo Miranda.

FEVEREIRO DE 1945

DEPARTAMENTO DA COLPORTAGEM RELATORIO DE VENDAS

NOMES	Horas	Médico no Lar		Saúde no Lar	Total	Território
		Pedidos	Entregas			
Lúcio R. Soares	79	33.300\$00	33.300\$00	—	33.300\$00	Moçambique
Idalina Ferreira & Filho.	152	—	—	4.367\$00	4.367\$00	Pôrto
Elisa de Jesus Simões.	137	—	—	1.626\$00	1.626\$00	Santarém
Olávio G. Sacramento.	78	—	—	447\$00	447\$00	Setubal
José S. Botelho.	15	135\$00	135\$00	48\$00	183\$00	Açores
Missão Açoreana.	1	—	40\$00	80\$00	120\$00	—
Total.	461	33.435\$00	33.475\$00	6.568\$00	40.043\$00	

O Secretário,
S. Reis.

À ESPERA DO NOVO MUNDO

O poeta Coelho Neto dizia algures: «As esperanças são como as estrélas: brilham mas não dão luz».

O mundo está vivendo na esperança de que apareça um dia alguém que o faça rejuvenescer. Fala-se muito em *Ordem Nova*, e há quem tenha sido levado a escrever livros, um dos quais à venda, que nos falam de um *Mundo Novo*.

Tem sido assim, em todos os tempos, quando alguém pretende qualquer reforma de rejuvenescimento mundial, mas, em contrapartida, cada vez o mundo está mais velho e nêle há mais desordem.

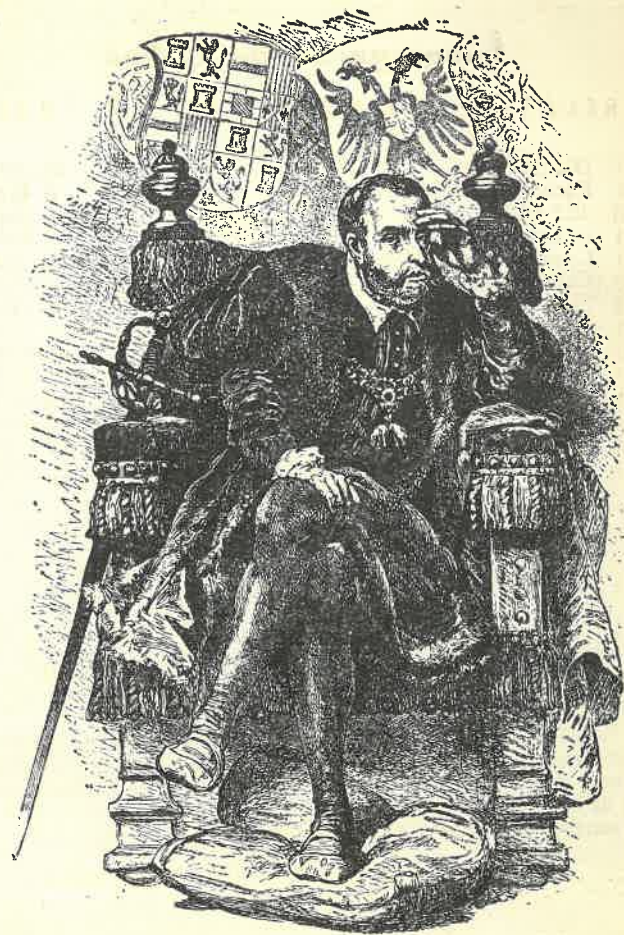
Há vinte e sete séculos dizia a profeta Isaiás (24: 3 8) que o nosso mundo envelhece por causa das maldades dos seus moradores, porquanto transgridem as Leis de Deus e mudam os Seus Estatutos. As *novas ordens* que se pretendem estabelecer são justamente planeadas à margem dêsses preceitos e dêsses estatutos.

Para nos certificarmos da impossibilidade da realização de tal futuro, basta lermos a tremenda lista elaborada pelo apóstolo S. Paulo em 2 Tim. 3:1-5. Notemos que fala dos últimos dias, que não devem estar no passado, pois cada dia nos leva para mais perto do fim. É exactamente a êste fim da história do mundo que o apóstolo se refere.

Examinando bem essa lista, fácil é reconhecermos a impossibilidade de boa harmonia com uma sociedade composta dos elementos preditos pelo Profeta e Apóstolo. Se outra causa não houvesse, teríamos a que foi indicada pelo profeta Isaiás — a quebra da Lei de Deus. De harmonia com tal predição, a humanidade vai chegando ao ponto de se tornar de natureza feroz, tendo apenas prazer em verter o sangue, enganar e destruir o seu semelhante.

A medida que se proclama a *Nova ordem*, o mundo mergulha num caos económico e espiritual sem precedentes. As cidades são destruídas, os soldados são mortos e arruinados para a vida. Os velhos são destruídos juntamente com os seus haveres. Por sua vez, os novos que não ficam impossibilitados por deficiente alimentação, são arruinados por desarranjos do sistema nervoso. Dêstes acontecimentos, desta sementeira, fácil também é de prever os respectivos frutos a arrecadar. Cãos, desolação e miséria de tôda a espécie.

Há quem afirme ser esta a última guerra. Não somos profectas, mas, baseados nos profectas, encon-



Carlos V sonhava com o Império Universal

tramos que, se pelo menos outras não viesse perturbar-nos, teríamos ainda de contar com um embate, na região da Asia Menor, dos povos do Oriente contra os do Ocidente. Êsse local foi sempre um ponto cobiçado por vários conquistadores da Europa e muito mais pelos povos asiáticos habituados a climas temperados, visto não poderem vir à Europa por terra, com facilidade, por outra parte.

A Asia Menor é um foco de discórdias. O problema judaico-árabe, a união árabe e o petróleo, eis três importantes meios de incendiar novamente o mundo. E' precisamente por ali que o mundo está sentenciado a ter o seu desfecho.

Jesus Cristo disse: «Levantar-se-á nação contra nação». Não estamos ainda nêsse ponto. Em nossos dias assistimos a núcleos de nações, contra núcleos de nações. A desordem, a miséria, e o desentendimento geral podem levar-nos a êsse ponto.

Os jornais diários e semanais mostram o cumprimento das profecias bíblicas. Os paladinos da paz estão mergulhados na tremenda confusão que rapidamente se espalha pelo mundo. Há muitas esperanças, mas, como as estrélas, essas esperanças não dão luz, ainda que brilhem.

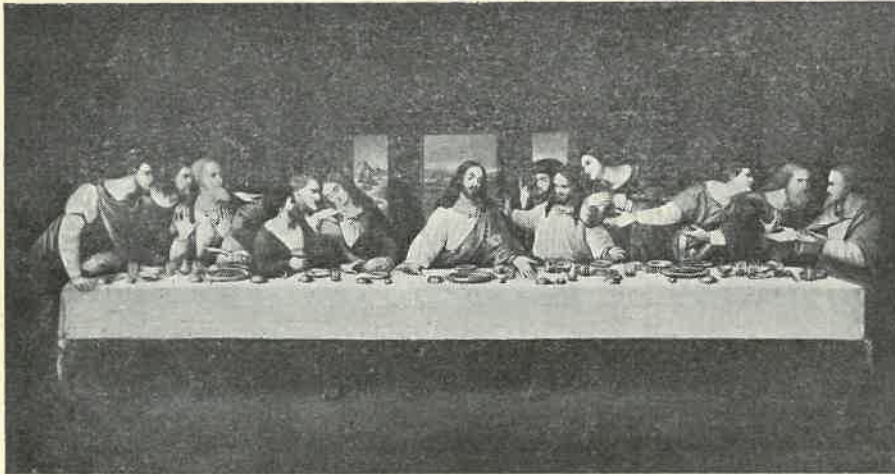
Não pretendemos dizer que não se possa contar com alguns anos sem guerras. De 1919 a 1939 todos sabem que houve um chamado tempo de paz e que bastante se trabalhou para ela, se bem que não tenha em rigor passado de uma época de ensaio para aquilo que presenciemos. Foi apenas um armistício temporário.

(Continua na página 11)

p o r

Manuel Lourinho

A P—A—S—C—O—A



A última Páscoa de Jesus

A FESTA DA PÁSCOA foi instituída como lembrança da saída do povo de Israel do Egito, após um longo e cruel cativeiro sob o jugo férreo dos Faraós.

O seu nome deriva duma palavra hebraica que quer dizer *passagem*, e significa a passagem do anjo exterminador que deu a morte a todos os primogénitos do Egito, e poupou as casas dos israelitas, cujos umbrais estavam ungidos com o sangue do cordeiro que haviam imolado e que manifestava a fé dos hebreus no Salvador que havia de vir ao mundo.

Era também chamada a «festa dos pães asmos» porque, durante sete dias que a festa durava, os israelitas se abstinham de qualquer alimento fermentado, e acompanhavam com pães asmos e ervas amargas, o cordeiro assado que eles comiam, de pé, na atitude de viajantes, cingidos os lombos, com os cajados nas mãos, reproduzindo assim, a cena da saída do Egito na noite do livramento do povo de Israel.

A ceia pascal começava, entre os israelitas, depois do pôr do Sol do dia 14 de Nisan (Março-Abril). Esta festa, que era simbólica representação do sacrifício do Calvário, o verdadeiro Cordeiro que tira o pecado do mundo, teve o seu perfeito cumprimento na morte de Jesus e, assim, como diz S Paulo, Ele é agora a nossa Páscoa, pois que, se todos os ritos e cerimónias desta grande festa entre os judeus, encerravam a lição de que os pecados não podiam ser perdoados e expiados sem derramamento de sangue, na morte do Filho de Deus têm os cristãos o perdão dos pecados e a perfeita garantia da paz com Deus.

Jesus Cristo, na última ceia pascal que comeu com seus discípulos, quis deixar-lhes, na sentida e tocante cerimónia da Santa-Ceia, que então instituiu, lembrança simbólica de seus sofrimentos, paixão e morte. Assim, os cristãos, quando se ajuntam para a celebração da sua Páscoa, não comem mais o cordeiro pascal e as ervas amargas que lembravam os duros sofrimentos do povo durante o cativeiro do Egito, mas tomam simplesmente o pão sem fermento, e o vinho sem alcool, lembrando o pão da vida que desceu do Céu e o puríssimo sangue derramado por sua eterna redenção.

Verdade é que a festa da Páscoa foi perdendo a pouco o seu verdadeiro significado até chegar a ser o que é hoje, sobretudo entre os povos católicos. A festa passou a ter um caracter alegre e ruidoso; os sinos que tinham deixado de tocar dois dias antes, recomeçam agora com mais força e o povo manifesta a sua alegria duma maneira turbulenta, saúdo assim o fim da quaresma.

Em Roma, o Papa, com os vestidos pontificais e com toda a sua pompa, tendo na cabeça a tríplice corôa, dá ao meio dia a sua bênção solene «*urbi et orbi*» do alto da cadeira de S. Pedro.

Alguns usos pagãos se tem ajuntado também a esta festividade.

O mais espalhado é o dos ovos da Páscoa, cuja tradição remonta ao principio da nossa era, considerado como simbolo do resurgimento da natureza, mas que hoje não representa mais do que a cessação da quaresma.

O costume do tingir os ovos de várias cores data do século XII.

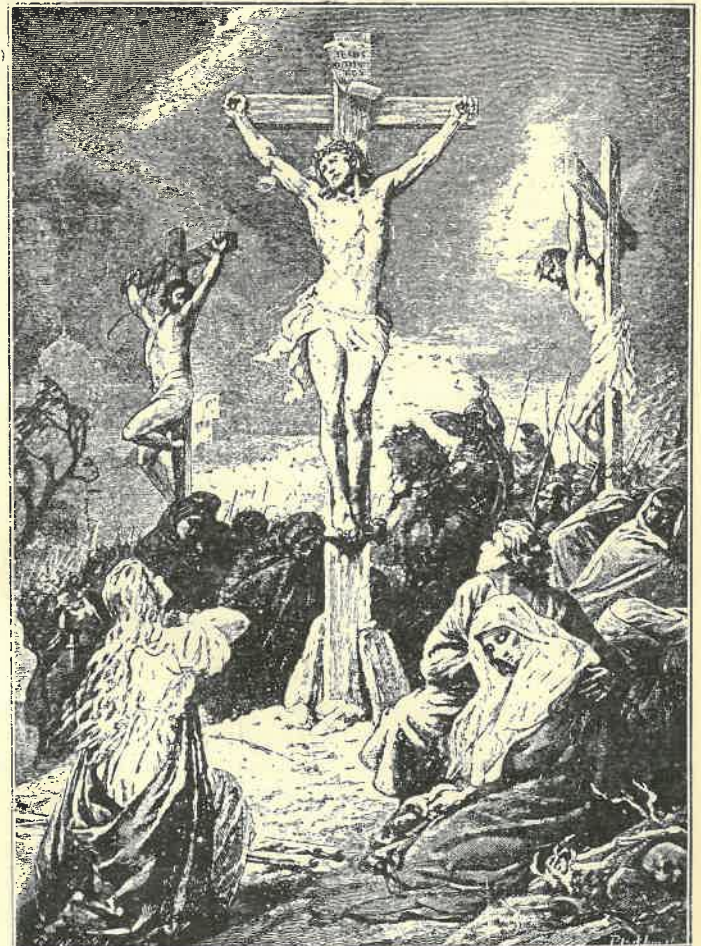
Atribui-se essa idéa a um comerciante que teve tanto exito com esta inovação que conseguiu juntar uma fortuna em pouco tempo.

No reinado de Luiz XIV, introduziu-se na côrte o costume de os fazer abençoar pelos sacerdotes do rei, e êste distribuia-os, depois, entre os seus lacaios.

Luiz XV fê-los dourar e adornava-os como um objecto de arte.

Os célebre artistas Walteo e Lancret pintaram alguns, segundo se afirma. Encontram-se na biblioteca de Versalhes dois exemplares que datam dessa época, e que foram oferecidos, numa festa de Páscoa, à princesa Vitória, filha de Luiz XV.

(Conclue na página 15)



«Eis aqui o Cordeiro de Deus...»

Mais precioso do que OURO

POR

C. A. HOLT



Nos dias da penetração na costa Ocidental da América, um bando de exploradores a caminho do Pacífico pararam no vale da Morte. Os Índios caíram sobre aquele bando, de noite, e mataram todos menos um que alcançou rastejar através do mato na negrura da noite. Só salvou a vida, porque tudo o resto ficou. Só salvou as botas que não ousou calçar com medo de fazer barulho nas pedras e ser descoberto pelos índios selvagens. Quando o Sol brilhante apareceu de manhã no horizonte a iluminar a terra, encontrou-o no meio do Vale. Os pés estavam tão inchados que não pôde calçar as botas. Atrás ficava a morte no meio dos Índios e à frente estavam as tormentas do calor e da sede, as pedras e outros obstáculos para os seus pés chagados. Escolheu avançar para ocidente, através de calor e sede. Num charco de água salgada procurou matar a sede e tentou levar nas botas um provisão da mesma. Na manhã do dia imediato viu um tufo de erva verde e julgando que ali houvesse água avançou para êle. Enganava-se! Mas olhando para diante viu um filão branco. Julgou talvez que fôsse água: era quartzo com incrustações de Ouro. Que rico achado! Dias mais tarde foi encontrado nas montanhas a ocidente daquele Vale, meio morto e delirado. Numa das botas atadas ao pescôço, encontravam fragmentos de quartzo aurífero. Depois de semanas de descanso e cuidado a sua fôrça foi recobrando. Quando restabelecido levou com êle um bando ao lugar onde ficara aquela célebre noite. Dali seguiu para junto do tufo de verdura. Mas o vento tinha levantado nuvens de poeira e areia e não puderam determinar o filão de quartzo aurífero. O resto da vida gustou-o à procura d'esse filão riquíssimo. Tantas vezes foi àquêle vale que lá morreu à procura do «el-dourado».

Assim se faz sempre que cheira a ouro.

Nos sábios da antiguidade houve um que nos aponta qualquer coisa mais valiosa do que os tesouros auríferos escondidos. David declarou: «Amo os Teus mandamentos acima do ouro, sim, mais do que o ouro refinado». (Salm. 119:127). E noutra texto: «Sim êles são mais desejáveis do que o ouro refinado» (Sal. 19:10). Lidas superficialmente estas palavras parecem pouco razoáveis. Então os mandamentos de Deus são melhores do que um bom livro de cheques? São melhores do que um depósito no banco? Superiores a uma mina de ouro?

Na realidade, por mais valioso que seja o ouro, tem os seus limites. Não poderemos comê-lo se tivermos fome. Não dá calor ao nú. Na tempestade não oferece abrigo. Não dá descanso ao cansado, saúde ao doente, juventude ao velho, conhecimento ao ignorante, etc. Algumas coisas se obtêm em troca de ouro, mas amor, respeito, sabedoria, paz de consciência, bom caracter não se compram. E quantas vezes a posse do ouro não inspira invejas, desconfianças e até ódio. Sem segurança, o ouro é um perigo real. E onde está a segurança?

No caracter — individual e colectivo. Encontramos segurança na sociedade não porque possuímos riquezas, as melhores armas, as casas mais defendidas, a guarda de numerosos soldados mas porque os nossos vizinhos são pacíficos, integros, de bom caracter. E o que dizemos dos nossos vizinhos pode ser dito do mundo. Só há segurança longe daqueles que vivem «sem lei».

A mensagem mais oportuna a propagar no mundo acima do troar do canhão, das chamas e destruições, dos gritos dos moribundos, das mulheres e crianças, dos lamentos das viúvas e órfãos, deve ser esta:

«Teme a Deus e guarda os Seus mandamentos porque êste é o dever de todo o homem» — Eclesiastes, 12:13.

Flores



Plantemos flores no caminho agreste
Que nos deparam as alheias vidas,
Tanta vez de alegrias esquecidas,
Como da chuva as terras de um Nordeste...

Ponhamos no deserto, castigado
Pelo inclemente Sol de angústia infinda,
Uma nesga de sombra e o delicado
Aroma de uma rara flor benvinda.

E quem sabe? talvez desertos áridos
Rebentem e jardins risonhos, plácidos,
De flores e folhagens multicores;

E nós, talvez, em situação idêntica,
Um dia beijaremos mão benéfica
Ao estender-nos profusão de flores.

SÍLVIA PATRÍCIA

Relatório enviado à Conferência Geral e à Divisão Sul-Europeia sobre a Missão de S. Tomé

Visitei esta nossa Missão nos fins de Março d'êste ano.

S. Tomé é uma ilha cheia de sol, arvoredo, água das chuvas equatoriais, água corrente, terreno fértil, donde extraem os roceiros portugueses o café e o cacau. Os portugueses de S. Tomé são pretos, alguns mestiços e uma minoria de brancos continentais. Gente ordeira e muito trabalhadora. Existem nesta ilha, ricas e bem organizadas propriedades agrícolas, nalgumas das quais podem vêr-se hospitais que seriam uma bênção em muitas das cidades e vilas continentais. Tem mosquitos e conseqüentes febres palustres.

Os brancos vivem à europeia; os filhos de S. Tomé vivem — salvo raras excepções — à maneira africana, nas suas casas de madeira, construídas em cima de pau-a-pique, no meio das frondosas bananeiras, espalhadas no mato em pequenas aldeias. A sua comida é frugalíssima porque os seus ganhos microscópicos não lhes permitem — salvo raríssimas excepções — copiar a cozinha europeia. A natureza mimoseia-os, contudo, com bananas de quatro qualidades, mangas, mamões e quasi todos os frutos tropicais; acresce ainda o peixe e a carne que não é das coisas menos acessíveis. Vestem as classes pobres uns vestidos que se parecem com os do tempo de Nosso Senhor e que se me afigura levarem mais pano do que os ultra curtos vestidos europeus.

A nossa Missão está trabalhando no sistema pouco produtivo que há

quarenta anos seguimos em Portugal. Alugou uma casa na cidade onde se fazem discursos aos portugueses pretos de S. Tomé que vivem no mato ou nas aldeias a quilómetros de distância. E a verdade é que algumas almas boas vieram dessa distância e aceitaram o Evangelho!



Séde da Missão em S. Tomé

Desejo frizar que tais resultados dão garantia de grandes frutos quando possamos trabalhar em S. Tomé, à maneira das Missões de toda a África equatorial e tropical. Necessitamos de estabelecer uma missão numa propriedade agrícola, onde organizemos a nossa aldeia cristã, on-

de tenham os nossos nativos adventistas o trabalho, o lar, a escola e o tratamento.

Diremos, contudo, que os nossos missionários encararam a Obra de educação desde o início — o que não aconteceu em Portugal — e montaram os primeiros dois núcleos escolares com resultados muito animadores. Precisamos mostrar toda a nossa boa vontade monetária no desenvolvimento desses dois embriões escolares pois da Juventude e da Educação Cristã muito poderemos esperar.

Dali irradiarão raios de fagueira luz que atrairão muitos ao Evangelho. Para isso, precisaremos, desde já, dos fundos para alugar ou adquirir terreno. Não esquecerei um pormenor que me fez pensar muito: Os nossos membros nativos não podem encontrar mais trabalho depois de aceitar o Evangelho! E, bem entendido, será preciso ainda importar de Angola, por exemplo, pessoal missionário habilitado nessa espécie de trabalho e, para futuro, enviar jovens de S. Tomé à escola do Bongo. Não é para o Seminário de Por-



Cinco casais após o seu casamento na Missão



Sala da Escola em S. Tomé

Mensagem da Conferência Geral

(Conclusão de pág. 2)

Nós só seremos instrumentos salvadores na medida em que estivermos salvos pela verdade. O apêlo de Deus ao Seu povo hoje é: «Arrependei-vos, porque o reino dos céus está à porta».

Já há muito que o nosso trabalho deveria ter acabado. Já se passou um século (1844-1944) e ainda estamos no mundo. Muitos que dizem crer nesta mensagem tornam-se diáriamente mais embebidos nas coisas mundanas. Muitos abandonaram a fé. Mas muitos teem provado que são leais e sinceros e muito poucos tem sido tão zelosos por Deus e a verdade como deveriam ter sido.

«Mostraram-me», diz a Ir.^a White, «que o povo de Deus que professa acreditar na verdade presente já não está na posição de quem espera e vigia. Aumenta em riquezas e coloca os seus tesouros na Terra. Enriqueceu em bens terrestres, mas é pobre perante Deus. Não acredita que tem pouco tempo.» (Test. Vol. 2, pag. 196).

Irmãos e Irmãs, é tempo de nos arrependermos. A Igreja tem de regressar ao seu primeiro amor. Falar agora seria desastroso para as nossas próprias almas. Se aquêles a quem pudemos avisar se perderem por falta de conhecimento, o seu sangue será requerido das nossas almas. Por certo que não podemos assim faltar a Deus e perder-nos no último dia.

«A voz de Deus diz claramente: Avança. Deviamos obedecer a esta ordem mesmo que os nossos olhos não possam penetrar a escuridão e sintamos as frias vagas nos nossos pés. Os obstáculos que prejudicam o nosso progresso nunca desaparecerão perante um espírito timorato e dubitativo. Os que só obedecerão quando cada sombra de incerteza desapareça e não haja risco de falha ou derrota nunca terão oportunidade de obediência. A incredulidade segreda: «Espera até que a obstrução seja removida e possamos ver claro o nosso caminho.» Mas a fé corajosamente nos empurra para o avanço, esperando tudo, crendo em tudo.» (P. e P. pag. 290).

O Conselho da Conferência Geral.

A PASCOA

(Conclusão da página 8)

Se êste costume dos ovos da Páscoa traz à lembrança a crença pagã do renascimento da natureza, não seria mais apropriadamente lembrar-se o cristão da necessidade do renascimento da sua vida espiritual inspirado no amor daquele que foi imolado pelas transgressões dos homens?

Oxalá que a Páscoa de 1945, onde quer que fôsse celebrada, o fôsse em espírito e verdade. Que os povos cristãos se sentissem cheios de amor uns para com os outros, fôsem constangidos a entregar-se a êsse Cristo que foi morto e ressuscitado e imitassem a sua paciência, a sua doçura e a sua abnegação!

As injustiças, os ruidos da guerra, os armamentos e as revoluções desapareceriam completamente do meio dos homens para dar lugar à prática das excelsas virtudes do Cristo, que tão raras são nos nossos dias.

RELATÓRIO DA VIAGEM A S. TOMÉ

(Conclusão da pág. 10)

tugal que precisamos de os canalizar, de forma geral. Nos tempos actual, como medida de urgência, assim teremos de fazer, mas não é processo que devamos seguir porque os meios são totalmente diversos.

Também não me parece que devamos manter muito tempo a Missão de S. Tomé ligada à União Portuguesa. Não esqueçamos que uma viagem Lisboa-S. Tomé ida e volta leva 24 dias! Uma viagem Luanda S. Tomé, leva apenas 5 ou 4 dias. Creio ser muito aconselhável ligar S. Tomé à União de Angola ou aos campos missionários da Africa Equatorial. Estão mais próximos e são idênticos os proces-

À espera do Novo Mundo

(Conclusão de pag. 7)

Temos de agradecer a Deus a nobre intenção dos homens da paz e de Lhe pedir que os auxilie, mas sem perder de vista que essa paz há-de ser temporária. O nosso mundo está sentenciado a ser destruído. Podíamos dizer que êle é um velho navio onde entra água por todos os lados e donde, no mais curto espaço de tempo, devem passar, todos os que o desejem, para o salva-vidas — Jesus Cristo.

Os homens são impelidos por poderes estranhos a si mesmos, a congregarem-se para as batalhas (Apoc. 16:13, 14). A' medida que fazem discursos para estabelecer a paz, estão procurando conseguir os meios de dominar o mundo pelo comércio, pelos tratados ou pela força.

Vivemos embalados por essas promessas de paz que, oramos a Deus, oxalá se possam realizar. Em vista, porém, da sua falta de garantia, pouco tranquilos podemos estar.

E' dêstes tempos que nos fala o profeta Joel 3:9-12 ao descrever-nos o espírito bélico dos últimos dias.

Nós, estudantes das profecias, não nos deixamos embalar. O mal aumenta constantemente e, enquanto o mundo, segundo o profeta Isaías, 27:5, não fizer paz com Deus, não é possível a paz. Será antes o contrário que sucederá, conforme nos diz S. Paulo em 1 Tess. 5:1-4.

Quando disserem: Há paz e segurança, então repentina destruição sobrevirá.

VAI APARECER EM BREVE
A IMPORTANTE OBRA
DE
URIAH SMITH
AS PROFECIAS DO APOCALIPSE
ESTÃO NO PRELO AS ÚLTIMAS FOLHAS
Necessitam de COLPORTORES E COLPORTORAS
ÊXITO ASSEGURADO!

sos aplicáveis de trabalho. Estaremos sempre prontos a dar os melhores elementos portugueses que tenhamos ao nosso dispôr.

Na minha visita tratei da organica missionária e tive a oportunidade de visitar alguns pontos onde trabalham os nossos três catequistas. Agradecemos a Deus as facilidades concedidas pelas Autoridades.

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Director — A. Dias Gomes
Redactor — Ernesto Ferreira
Administrador — A. F. Raposo

	Cont. e Ilhas	Colónias
Número avulso .	2\$50	3\$00
Assinatura anual	12\$00	15\$00

Redacção e Administração
Rua Joaquim Bonifácio, 17

